

MAIS DE 1 MILHÃO DE PESSOAS JOGAM ESGOTO NA BAÍA

Na Grande Vitória, só 44% podem contar com esgoto tratado

▄ NATÁLIA BOURGUIGNON
nbourguignon@redgazeta.com.br

▄ VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

A pequena Carol, de 3 anos, ainda não entende por que chamam o local onde mora de “a casa do esgoto”. Mas ela e os três irmãos sofrem as consequências de viver em um ambiente onde os dejetos são lançados na rua. “Ela foi mordida por rato e a irmã já foi internada duas vezes”, conta a mãe, a dona de casa Gracieli Ferreira, 30 anos.

A família partilha dois cômodos e um banheiro em Barramares, o mais populoso bairro da Grande Terra Vermelha, em Vila Velha. Há pelo menos dez anos, relata a mãe, a fossa em frente a sua casa – coberta por um colchão – encheu. Desde então, o esgoto corre por uma vala em direção à rua, onde formou uma poça que impede a passagem dos carros. Foi assim que a moradia de Carol conquistou o apelido.

A família, como mais de um milhão de pessoas na Grande Vitória, dá o mesmo destino ao esgoto que é produzido: tudo vai parar na rua ou em valas, que correm a céu aberto e que muitas vezes são cavadas pela própria população. Ou lançam mão de ligações clandestinas para as galerias pluviais, canais, rios e mangues.

Locais onde são despejados, por ano, cerca de 66 bilhões de litros de esgoto, o que equivale a dois mil litros ou a 104 baldes por segundo, cheios de urina, fezes, restos de comida, sabão e todo tipo de sujeira. Um exemplo do resultado dessa poluição está na Baía e praias de Vitória, com locais impróprios para banho.

REALIDADE

De acordo com estudos do Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento (SNIS), de 2013, o Espírito Santo é o que tem o menor índice de coleta de esgoto na Região Sudeste – 41,93%. Do que é coletado, trata 77%.

Um cenário que vários projetos de saneamento tentaram mudar, mas que está longe de uma realidade de cidades com

esgoto totalmente tratado. Até 1993, quando foi lançado o primeiro deles, a cobertura de esgotamento na Grande Vitória, segundo a Cesan, era de 20%. Hoje é de 57%, com dejetos tratados para 44% da população.

Agrava a situação o fato de o país, e o Estado, estarem vivendo os reflexos da seca, com redução do volume de água nos rios que abastecem as cidades. Muitos deles sofrem com a poluição do esgoto que recebem das cidades, e já há rios que estão praticamente mortos.

Para o diretor de Meio Ambiente da Cesan, Anselmo Tozi, o país inteiro demorou a se debruçar sobre a questão do esgoto e a agenda no Estado, destaca, está atrasada. “Saneamento precisa de recursos vultosos e não é uma coisa priorizada no nosso país”, afirma.

PIOR

Na Região Metropolitana, Cariacica é a que tem a pior condição. Em 46 dos 95 bairros (43,9%) existe rede de coleta. Mas somente 29,6% das casas e comércio fizeram suas ligações. O restante dos imóveis joga os dejetos em córregos e rios que um dia foram saudáveis.

É o caso do Rio Formate, localizado na divisa entre Viana e Cariacica. Suas águas hoje são escuras e densas. Por ele corre, além de esgoto, muito lixo. Poucos têm coragem de se banhar em suas águas. Em muitos trechos, os peixes morreram e o que deles restou se mistura ao lixo.

O cheiro no local é indescritível. “Na hora do almoço é ainda pior”, conta Alessandro Silva, 44 anos, auxiliar de serviços que mora em suas margens, no bairro Operário, em Cariacica.

São comunidades que vivem uma realidade que parece medieval, e que acabam sujeitas a graves problemas de saúde, como hepatite, diarreia, verminoses. Doenças que poderiam estar erradicadas, não fossem as con-

Para atravessar a rua, Carol usa uma “ponte” sobre o esgoto

“Meus filhos já tiveram diarreia, febre e micose”
Gracieli Ferreira, mãe de Carol





Dejetos lançados no Canal da Costa, em Vila Velha, acabam na baía de Vitória

dições sanitárias inadequadas.

Por mais cuidado que as famílias tenham, relata a agente de saúde de Barramares Camila Nunes, suas crianças acabam pisando nas águas sujas. “Por aqui é comum atender casos de crian-

ças com diarreia”, diz.

Aliado a isso há o acúmulo de lixo que estimula a presença de insetos, roedores e de outros animais, também causadores de doenças graves, como a leptospirose. O grande temor do porteiro

Almir dos Santos, 45 anos, que vive com suas seis filhas em uma casa com “vista” para um dos maiores valões de Barramares. “O perigo aqui é constante. Teve até uma criança que morreu em 2013 com a doença do rato”, lembra Almir.

PRECARIEDADE

Na Grande Vitória ainda existem alguns valões na Capital, mas eles são mais comuns nos bairros periféricos. Locais onde a precariedade tira não só o direito a uma vida digna, mas também os sonhos.

Gracieli, mãe de Carol, não consegue nem esboçar seus desejos para o futuro dos filhos. Prefere mostrar o quartinho que está sendo construído para as crianças e que espera concluir.

Um sonho que parece distante, assim como a solução para a fossa, que continua vazando. Tudo depende dos poucos recursos mensais da família: os R\$ 150 que o marido Elivano, um ajudante de pedreiro, recebe, somado aos R\$ 450 do bolsa-família.

Juntos, os cinco municípios da Grande Vitória lançam de forma inadequada em galerias pluviais, córregos, canais, rios e até nas ruas. Parte destes dejetos vai parar na baía de Vitória

66
bilhões de litros de esgoto, por ano

DEJETOS DE CADA CIDADES
(BILHÕES DE LITROS, POR ANO)

SERRA
20,9

VIANA
3,6

CARIACICA
20,5

VILA VELHA
16,7

VITÓRIA
4,3

Baía de Vitória

VITÓRIA
Baía de Vitória

VOLUME

2 mil
litros de
esgoto por
segundo



104
baldes cheios
urina, fezes, restos
de comida, sabão e
todo tipo de sujeira
por segundo



**“O esgoto
escorre pela
pedra. Não há
alternativa”**

Jânio Pereira, morador de
Santos Reis, na Grande
São Pedro

EM VITÓRIA, 65% DO ESGOTO É TRATADO

Em 17 bairros não há coleta dos dejetos, segundo Cesan

/// **NATÁLIA BOURGUIGNON**
nbourguignon@redgazeta.com.br

/// **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redgazeta.com.br

A vista da casa do cabeleireiro Jânio Pereira, 44 anos, é fantástica. De lá é possível avistar a baía Noroeste de Vitória. Mas o mesmo não se pode dizer do cheiro. No alto de Santos Reis, onde ele vi-

ve, o esgoto escorre das casas pela pedra até o fundo de imóveis como a Policlínica e o DPM de São Pedro, às margens da Rodovia Serafim Derenzi. “É a alternativa que temos”, relata Jânio.

Um problema que não é comum só nos bairros carentes. Na Praia de Camburi, também em Vitória, há pelo menos dois es-

gotos correndo a céu aberto. Um deles, ao lado de um quiosque, revolta a cantora Eliana Rocha. “Um absurdo, afasta os turistas”, desa-

bafa. Por receio da contaminação da água, ela e o filho não vão à praia.

Os dois casos são exemplos de que Vitória ainda não conseguiu al-

cançar o prometido título de cidade onde o esgoto é totalmente tratado. Cerca de 65% dos imóveis da cidade – comércio e residências – contam com coleta e tratamento dos dejetos.

A cidade é a que tem a melhor cobertura na Grande Vitória. Há coleta disponível em 61 dos 78 bairros. Mas mesmo nessas re-

